

NO CAMPO, EM MEIO A ANIMAIS E ÁRVORES,

EU ERA ALEGRIA, CANTO E PROSA.

NA CIDADE, CERCADO DE CONCRETO E MULTIDÃO,

SOU PEDRA, SILÊNCIO E SOLIDÃO.

Valmor G. do Amaral

Tempo de Saudade

Quem diria!

As meninas dos meus olhos
estão velhas estão cansadas
cansadas de ver o mundo
que eu tanto queria ver.

não faz mais que pouco tempo
e eu ainda era menino.
Olhos puros alma branca
e uma sede de distâncias
que transbordava no peito
se derramando salgada
nos olhos de minha infância.

A retina dos meus olhos
se embaça vendo a cidade
nos olhos indiferentes
de tanta gente que passa
sem mesmo saber que é gente.

Os olhos dessas meninas
que passam de azul e branco
expressam pressa e se perdem
no rumo reto do mundo
que as ruas despõe à frente.

Há homens jovens passando
perdidos na multidão
que pelas ruas se arrasta.
Em cada olho um cifrão
Da vida, tudo na pasta
e um vazio no coração.

O boa noite das velhas
há muito tempo perdeu-se
por entre o ruído dos carros
que em loucas aceleradas
vão empurrando as pessoas
ao leito estreito e cumprido
dessas malditas calçadas
por onde andar não se pode.

E as minhas velhas retinas
atrás de si guardam verdes
de uma saudade tão grande
que põe amargos na boca
e até não sei como cabe
por essas ruas tão cheias
dessa cidade tão louca.

A minha frente a cidade
antes de mim a saudade
saudade da voz macia
numa canção de ninar
canções que as mães deste tempo
não têm tempo de cantar.

Tinha príncipes e fadas
tinha meninos e amantes
a história que toda noite
mamãe contava pra mim.
Que pena! Eu não sei o fim.
Eu sempre dormia antes.

Quando a noite se perdia
nos braços da alvorada
eu levantava e corria
à procura de meu pai.
Era dele que eu gostava
depois que clareava o dia.

Era verde azul e sol
a distância de onde vim
mas a vida mudou tanto
que a saudade fez castelo
do meu rancho de capim.

E agora nem mesmo sei
se estou além das retinas
no seio dessa cidade
ou se sou essa saudade
que tenho dentro de mim.

(1º lugar
num concurso do
Banrisul)